

Planejamento de ensino: peculiaridades significativas

REGINA BARROS LEAL
Universidade de Fortaleza, Brasil

Planejar e pensar andam juntos. Ao começar o dia, o homem pensa e distribui suas atividades no tempo: o que irá fazer, como fazer, para que fazer, com o que fazer etc. Nas mais simples e corriqueiras ações humanas, quando o homem pensa de forma a atender suas metas e seus objetivos, ele está planejando, sem necessariamente criar um instrumental técnico que norteie suas ações. Essas observações iniciais estão sendo expressas, apenas para chamar atenção sobre o aspecto cotidiano da ação de planejar e como o planejamento faz parte da vida. Aquele que não mais planeja, talvez já tenha robotizado suas ações, portanto, quem sabe, não tem a consciência do que está fazendo, nem se ainda pode construir alguma coisa. Alguns até dizem: "Nem preciso mais pensar, vou fazendo o que me mandam fazer... Eu não necessito planejar, já vou fazendo, porque sei onde vai dar...". E assim por diante.

Nessa circunstância, parece estar presente a alienação do homem como sujeito, na medida em que assume a atitude de dominado, fazedor dócil e outras tantas denominações que podem ser imprimidas no sujeito, quando este se torna objeto nas mãos de outrem. Todavia, o objetivo deste estudo não é discutir tais questões, muito embora elas estejam presentes nas atividades habituais do homem.

O planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro. O processo de planejamento está inserido em vários setores da vida social: planejamento urbano, planejamento econômico, planejamento habitacional, planejamento familiar, entre outros. Do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir.

Mas o que significa planejamento do ensino e suas finalidades pedagógicas?¹ O que é o planejamento docente? O plano de aula? O projeto de disciplina? A programação semestral? O projeto pedagógico? Esses conceitos, atualmente, foram redefinidos, não só por conta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mas também como resultante do novo modelo de sociedade, onde alguns denominam de *sociedade aprendente*, outros, *sociedade do conhecimento*².

O que é importante, do ponto de vista do ensino, é deixar claro que o professor necessita planejar, refletir sobre sua ação, pensar sobre o que faz, antes, durante e depois. O ensino superior tem características muito próprias porque objetiva a formação do cidadão, do profissional, do sujeito enquanto

¹ É interessante ler VASCONCELOS, Celso: *Planejamento. Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*, São Paulo, Libertad, 1999. GANDIM, Danilo: *Planejamento como prática educativa*, São Paulo, Edições Loyola, 1985.

² Recomenda-se, para uma reflexão mais aprofundada sobre as mudanças ocorridas neste modelo de sociedade, a leitura de MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo: *Formação continuada de professores e novas tecnologias*, Maceió, EDUFAL, 1999.

pessoa, enfim de uma formação que o habilite ao trabalho e à vida. Voltemos a questão inicial. O que significa o planejamento de ensino? Por que o professor deve planejar? Quais os procedimentos, os instrumentos, as técnicas, os métodos, os recursos e as finalidades pedagógicas do planejamento de ensino? Um ato político pedagógico? Uma carta de intenção? Uma reflexão sobre o saber fazer docente? Antes de desenvolver algumas dessas questões, é imprescindível afirmar que existem diferentes abordagens sobre o assunto. Tais abordagens se diferenciam pela forma como tratam a temática, todavia se afinam quanto aos seus elementos constitutivos. Assim considerado, arrisca-se afirmar que o planejamento do ensino significa, sobretudo, pensar a ação docente refletindo sobre os objetivos, os conteúdos, os procedimentos metodológicos, a avaliação do aluno e do professor. O que diferencia é o tratamento que cada abordagem explica o processo a partir de vários fatores: o político, o técnico, o social, o cultural e o educacional.

É essencial enfatizar que o planejamento de ensino implica, especialmente, em uma ação refletida: o professor elaborando uma reflexão³ permanente de sua prática educativa.

Assim o planejamento de ensino tem características que lhes são próprias, isto, particularmente, porque lida com os sujeitos aprendentes, portanto sujeitos em processo de formação humana. Para tal empreendimento, o professor realiza passos que se complementam e se interpenetram na ação didático-pedagógica. Decidir, prever, selecionar, escolher, organizar, refazer, redimensionar, refletir sobre o processo antes, durante e depois da ação concluída. O pensar, a longo prazo, está presente na ação do professor reflexivo⁴. Planejar, então, é a previsão sobre o que irá acontecer, é um processo de reflexão sobre a prática docente, sobre seus objetivos, sobre o que está acontecendo, sobre o que aconteceu. Por fim, planejar requer uma atitude científica do fazer didático-pedagógico.

Mas como planejar? Quais as ações presentes e como proceder do ponto de vista operacional, uma vez que é entendido que o planejamento é um processo, um ato político-pedagógico e, por conseguinte não tem neutralidade porque sua intencionalidade se revela nas ações de ensino. O que se pretende desenvolver? O cidadão que se deseja formar? A sociedade que se pretende ajudar a construir?

Em primeiro lugar, as fases, os passos, as etapas, as escolhas, implicam em situações diversificadas, que estão presentes durante o acontecer em sala de aula, num processo de idas e vindas. Contudo, para efeito de entendimento, indica-se a realização de um diagnóstico aqui compreendido como uma situação de análise; de reflexão sobre o circunstante, o local, o global. Nesse contexto didático-pedagógico: averiguar a quantidade de alunos, os novos desafios impostos pela sociedade, as condições físicas da instituição, os recursos disponíveis, nível, as possíveis estratégias de inovação, as expectativas do aluno, o nível intelectual, as condições socioeconômicas (retrato sócio-cultural do aluno), a cultura institucional a filosofia da universidade e/ou da instituição de ensino superior, enfim, as condições objetivas e subjetivas em que o processo de ensino irá acontecer.

³ Sobre o conceito de reflexão indicamos a leitura de ALARCÃO, I.: *Formação reflexiva dos professores*. Estratégias de Supervisão, Porto Editora, 1996.

⁴ SCHON, Donald A.: *Formar professores como profissionais reflexivos*, in NÓVOA, António (coord.): *Os professores e sua formação*, Lisboa, Don Quixote, 1992.

Tal atitude do docente o encaminhará para uma reflexão de sua ação educativa naquela instituição e a partir desse diagnóstico inicial, relacionando com o projeto da universidade, poderá desenvolver uma *prática formativa*.

De posse do *Projeto de Ensino oficial*⁵, o docente irá elaborar sua programação, adaptando-a às suas escolhas, inclusive, inserindo a pesquisa nos exercícios didáticos. Caso a instituição de ensino superior não apresente o projeto da disciplina, o professor deverá elaborar observando os seguintes componentes:

- a) EMENTA DA DISCIPLINA. Ementa é um resumo dos conteúdos que irão ser trabalhados no projeto.
- b) OBJETIVOS DE ENSINO. Elaborá-los na perspectiva da formação de habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos: habilidades cognitivas, sociais, atitudinais etc. Há níveis diferenciados de objetivos: *objetivo geral*, alcançável longo prazo; *objetivo específico*, o qual expressa uma habilidade específica a ser pretendida. Este deve explicitar de forma clara a intenção proposta. Os objetivos variam quanto ao nível, conforme o projeto. Por exemplo; no Projeto da disciplina: objetivo geral e objetivos específicos para cada unidade do Projeto; no plano de aula pode comportar mais de um objetivo específico, dependendo do número de sessões (exemplo: 02 sessões no período da noite, horários A e B). É importante frisar que irá depender da estrutura pedagógica da instituição, a forma de elaborar projetos e planos. Há bastante flexibilidade, contanto que no projeto de ensino ou plano de aula, estejam presentes os seus elementos constitutivos. Portanto, não existem modelos fixos.

Destaca-se ainda, que os objetivos, de uma maneira geral, para deixar claro a ação pretendida, devem iniciar com o verbo no infinitivo porque irá indicar a habilidade desejada. Caso o professor desejar indicar outra habilidade no mesmo objetivo, deve usar o outro verbo no *gerúndio*. Exemplo: *Avaliar* as condições socioeconômicas do Nordeste, *indicando* os fatores determinantes da região.

A formulação de objetivos está diretamente relacionada à seleção de conteúdos.

- c) CONTEÚDOS (saber sistematizado, hábitos, atitudes, valores e convicções)⁶. Quais são os conteúdos de ensino? Quais os saberes fundamentais? O professor deverá, na seleção dos conteúdos, considerar critérios como: validade, relevância, gradualidade, acessibilidade, interdisciplinaridade, articulação com outras áreas, cientificidade, adequação. Além do conhecimento da ciência, o professor, por exercer uma função formadora, deve inserir outros conteúdos: socialização, valores, solidariedade, respeito, ética, política, cooperação, cidadania, etc.

⁵ Um modelo de Projeto de Ensino encontra-se nesta coletânea de texto, como anexo. É apenas um modelo, mas contém os elementos essenciais a um projeto pedagógico.

⁶ Ver como Libâneo classifica os conteúdos de ensino. Muito embora seja um livro para o ensino fundamental, é interessante a forma como trata a questão, ultrapassando os limites de que os conteúdos de ensino se resumem ao saber sistematizado. LIBÂNEO, José Carlos: *Didática*, São Paulo, Cortez, 1994. Põe-se em evidência que há uma nova tendência que enfatiza a formação de competências e habilidades dos alunos.

- d) METODOLOGIA (procedimentos metodológicos). Metodologia é o estudo dos métodos. Metodologia de ensino significa o conjunto de métodos aplicados a situação didático-pedagógica.

Método de ensino é o caminho escolhido pelo professor para organizar as situações ensino-aprendizagem. A técnica é a operacionalização do método. No planejamento, ao elaborar o projeto de ensino, o professor antevê quais os métodos e as técnicas que poderá desenvolver com seu aluno em sala de aula na perspectiva de promover a aprendizagem. E, juntamente com os alunos, irão avaliando quais são os mais adequados aos diferentes saberes, ao perfil do grupo, aos objetivos e aos alunos como sujeitos individuais⁷. Nesse processo participativo o professor deixa claro suas possibilidades didáticas e *o que ele pensa e o que espera do aluno* como sujeito aprendente, suas possibilidades, sua capacidade para aprender, sua individualidade.

Quando o professor exacerba um método ou uma técnica, poderá estar privilegiando alguns alunos e excluindo outros, e, mais ainda, deixando de realizar singulares experiências didáticas que o ajudariam aperfeiçoar sua prática docente e possibilitar ao aluno variadas formas de aprender. Ainda arriscar a trabalhar o saber de diferentes formas, percorrendo criativos trajetos em sala de aula.

O medo de mudar, às vezes, impede o professor de arriscar novos caminhos pedagógicos. Daí o significado didático-pedagógico na formação do professor. Os paradigmas das experiências anteriores podem ser as referências de muitos professores. Assim posto, é válido para o docente buscar novas técnicas, desbravar novos caminhos, numa investida esperançosa de quem deseja fazer o melhor, do ponto de vista metodológico e didático⁸. Tal atitude implica em estudar sobre a natureza didática de sua prática educativa.

Donald Schon tem sido uma referência teórico-metodológica dos profissionais que atuam na área de formação de professores por afirmar que os bons profissionais utilizam um conjunto de processos que não dependem da lógica, da racionalidade técnica, mas sim, são manifestações de sagacidade, intuição e sensibilidade artística. Schon orienta para que se observe estes professores para averiguarmos como desenvolvem suas práticas, como fazem e o que fazem, para colhermos lições para nossos programas de formação. *(O saber fazer-docente, 2002)*⁹.

O professor deve refletir didaticamente sobre sua prática, pensar no cotidiano sobre o saber-fazer em sala de aula, para não escorregar na mesmice metodológica de utilização dos

⁷ A postura da construção do conhecimento, segundo Celso Vasconcelos (1996), implica na mudança de paradigma pedagógico, qual seja, ao invés de dar o raciocínio pronto, de fazer para e pelo aluno construir a reflexão tomando por base a metodologia dialética, onde o professor é mediador da relação educando e o objeto de conhecimento.

⁸ Arriscamos indicar uma bibliografia na área do Ensino Superior sobre metodologia, técnicas, enfim, meios para mediar os saberes. GARCIA, M. M.º: *A didática do ensino superior*, Campinas, Papirus, 1994. ABREU, Maria Célia, e MASETTO, Marcos Tarcísio: *O professor universitário em aula*, São Paulo, MG, 1986. MOREIRA, Daniel (org.): *Didática do ensino superior. Técnicas e Tendências*, São Paulo, Pioneira, 1997. SILVEIRA, Regina B. L.: *A didática e a questão da qualidade de ensino*, in Revista de Humanidade, 7(5), 1990. BORDENNAVE, Juan Diaz: *Estratégias de ensino aprendizagem*, Petrópolis, Vozes, 1980. LEAL, Regina B.: *Memorial em dinâmica de grupo*, Fortaleza, Edições Dezessete e Trinta, 2001. CASTRO, Amélia A.: *O professor e a didática*, Revista Educação, Brasília, 1981.

⁹ Pesquisa realizada na Universidade de Fortaleza: "O 'saber-fazer competente' dos professores para além do olhar da escola ou a prática docente: saberes revelados no cotidiano escolar". Professora coordenadora: Regina Barros Leal. Professoras orientadoras: Mônica Mota Tassigny, Grace Troccoli, Josenilde Costa. Orientandas: alunas da disciplina de Prática de Ensino e Didática.

mesmos recursos e das invariáveis técnicas de ensino. É importante que o professor estude sobre essa temática, uma vez que há uma diversidade metodológica que pode ser trabalhada em sala de aula e/ou numa situação didático-pedagógica. Exemplo: exposição com ilustração, trabalhos em grupos, estudos dirigidos, tarefas individuais, pesquisas, experiências de campo, sociodramas, painéis de discussão, debates, tribuna livre, exposição com demonstração, júri simulado, aulas expositivas, seminários, ensino individualizado.

- f) RECURSOS DE ENSINO. Com o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação-NTIC, os recursos na área do ensino se tornaram valiosos, principalmente do ponto de vista do trabalho do professor e do aluno, não só em sala de aula, mas como fonte de pesquisa. Ao planejar, o professor deverá levar em conta as reais condições dos alunos, os recursos disponíveis pelo aluno e na instituição de ensino, a fim de organizar situações didáticas em que possam utilizar as novas tecnologias, como: datashow, transparências coloridas, hipertextos, bibliotecas virtuais, Internet, E.mail, sites, teleconferências, vídeos, e outros recursos mais avançados, na medida em que o professor for se aperfeiçoando¹⁰.
- g) AVALIAÇÃO. A avaliação é uma etapa presente quotidianamente em sala de aula, exerce uma função fundamental, que é a função diagnóstica. O professor deverá acolher as dificuldades do aluno no sentido de tentar ajudá-lo a superá-las, a vencê-las. Evitar a função classificatória, comparando sujeitos entre sujeitos. A avaliação deverá considerar o avanço que aquele aluno obteve durante o curso.

Há muito que estudar sobre avaliação¹¹. Um das dicas é a de realizar as articulações necessárias para que se possa promover testes, provas, relatórios, e outros instrumentos a partir de uma concepção de avaliação que diz respeito ao aluno como sujeito de sua aprendizagem¹², uma vez que planejar é uma ação dinâmica, interativa, e acontece antes de se iniciar o processo de ensino, durante e depois do processo. É uma ação reflexiva, que exige do professor permanente investigação e atualização didático-pedagógica.

Bibliografia

- ALARCÃO, I.: *Formação reflexiva dos professores*, Estratégias de Supervisão, Porto Editora, 1996.
- CARVALHO, A. D.: *Novas metodologias em educação*, Coleção Educação, São Paulo, Porto Editora, 1995.
- CASTRO, Amélia A.: *O professor e a didática*, Revista Educação, Brasília, 1981.
- CUNHA, Maria Isabel: *O bom professor e sua prática*, Campinas, Papirus, 1989.

¹⁰ Recomenda-se a leitura de LEVY, Pierre: *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, 1993.

¹¹ O professor deverá conhecer os procedimentos e instrumentos de avaliação, suas funções. Recomendamos a leitura de VASCONCELOS, Celso dos S.: *Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar*, in Cadernos Pedagógicos de Libertad, vol. 3, São Paulo, Libertad, 1995. LUCKESI, Cipriano Carlos: *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 2.ª ed., São Paulo, Cortez, 1995. HOFFMAN, Jussara M.: *Avaliação: Mitos e desafios, uma perspectiva construtivista*, Porto Alegre, Mediana, 1993. HOFFMAN, Jussara: *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*, Porto Alegre, Mediana, 1993.

¹² Indica-se a leitura de Indica-se a leitura de PETRAGLIA, Isabel: *Edgar Morin: a educação e a complexidade do saber*, São Paulo, Vozes, 1995. SEVERINO, A. J.: *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*, São Paulo, Vozes, 1996.

- FREIRE, Paulo: *Pedagogia da autofobia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- GARCIA, M. M.ª: *A didática do ensino superior*, Campinas, Papirus, 1994.
- GENTILI, P. A. A.: *Qualidade total na educação*, Ed. Mundo Novo, 1995.
- GODOY: *A didática do ensino superior*, São Paulo, Iglu, 1998.
- LEITE, D., y MOROSINI, M. (orgs.): *Universidade futurante: Produção do ensino e inovação*, Campinas, Papirus, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos: *Didática*, São Paulo, Cortez, 1994.
- MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo: *Formação continuada de professores e novas tecnologias*, Maceió, EDUFAL, 1999.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolitte et. al.: *Aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*, São Carlos, EdUFSCar, 2002.
- MORRISA, W.: *O ensino superior: teoria e prática*, Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- MORAES, V. R. P.: *Melhoria do ensino e capacitação docente*, Porto Alegre, Editora da Universidade, 1996.
- OLIVEIRA, M. R. N. S. (orgs): *Confluências e divergências entre didática e currículo*, Campinas, Papirus, 1998, 176 pp.
- NÓVOA, António (coord.): *Os professores e sua formação*, 2.ª ed., Lisboa, Nova Enciclopédia, 1994.
- PERRENNOUD, Philippe: *Dez competências para ensinar*, Porto Alegre, Artmédicas, 2002.
- PIMENTA, S. G.: *A didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura*, in PIMENTA, S. G.: *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*, São Paulo: Cortez, 1995, pp. 37-69.
- SANTANNA, I. M.: *Didática: aprender a ensinar*, São Paulo, Loyola, 1989.
- SAVIANI, D.: *Tendências e correntes da educação brasileira*, in MENDES, D. T.: *Filosofia da educação brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, pp. 19-47.
- : *Escola e democracia*, São Paulo, Cortez, 1984.
- SEVERINO, A. J.: *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. São Paulo, Vozes, 1996.
- TUGENDHAT, E.: *Lições sobre Ética*, Petrópolis, Vozes, 1996.
- VASCONCELOS, Celso dos S.: *Construção da disciplina consciente e interativa na sala de aula e na escola*, 3ª ed., Libertad, 1994.
- : *Avaliação: Concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar*, Cadernos Pedagógicos de Libertad, vol. 3, São Paulo, Libertad, 1995.
- : *Planejamento: Plano de ensino aprendizagem e projeto educativo*, São Paulo, Libertad, 1994.
- : *A construção do conhecimento em sala de aula*, São Paulo, Libertad, 1994.
- VEIGA, Ilma (coord.): *Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação*, in LOPES, Antonia: *Repensando a Didática*, Campinas, Ed. Papirus, 2.ª ed.